

QUANDO A EDUCAÇÃO NÃO LIBERTA: EU, COVARDE?

Vilarin Barbosa Barros¹

Covarde porque tenho medo de falar desde muito tempo. Oprimido!... Eu, covarde?
Covarde porque apesar de ter consciência disso não mudo minha postura, mantenho-me mudo...

.....

Covarde porque aprendi desde criança a mentir, “é só uma mentirinha”, a omitir, a dar um jeitinho... Em uma sociedade covarde que não me deixa falar o que penso. E penso, incoerente, contraditório, penso, penso estou...

Falando em pensar: penso o “mundo”, que estás me ensinando, em que mundo penso estou?

De repente estou em uma escola com um monte de crianças que devem fazer assim, assim assado!... “ordem e progresso”!... “somos todos iguais”!... olhem para frente!... não olhem para o lado!... não olhem para atrás!

São doutrinadas! Ah... sim!... Por adultos covardes que com seu autoritarismo castram a imaginação...

Imaginação?!... Imagina? NÃO!... AÇÃO!... NAÇÃO! “Sim, senhor!”

“Adolescente!... Jovem!... Presta atenção!... Tu és o futuro!” — Mas, não pre-editado! Não é simples dizer: jaz um passado! Se apresente, “presente”!

Reflexão!... ..

“Que história é essa? Viva a tradição de um povo heróico!”

Um tempo arrumado, um tempo de glória, olha só que presente... apresentado sem incoerência, extremamente mitológico, binário em representações, sectarizado, sem história, harmônico ou simplista!...

Oh covardia!... Tenha educação!

O ingresso no universo de saber é a solução, dizem.

Aí começa mais um ciclo de covardia! Todos acreditam no futuro? Nos jovens? Na (n)ação? Que ação? Qual nação?...

Mentiram para mim, covardes!... Mas, quando temo a liberdade, sou sujeito amedrontado, acuado... covarde!

¹ Mestre em História e Culturas pela Universidade Estadual do Ceará - UECE. Atualmente é professor assistente na Universidade Estadual do Ceará/ UECE, no campus da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central – FECLESC em Quixadá – CE. E-mail: vilarin.barros@uece.br.

Estou querendo é me formar, nem que seja “ilhadamente”; que mente? que ilha? que forma? que fôrma?... Demente!

Ora, é só prestar atenção, fingir ter compromisso. “Covardemente!” — Cova da mente, solipsista, ilhado, eis a tua reação!

Quando covarde, passo por um universo de saber e não hesito aprender a ficar calado... Calado!...
Covarde.

Reivindico como estudante que “professor, professora, pro-fes-sor(a)!... Faça a chamada!”...
Castrando a possibilidade, inclusive, de uma reflexão, de um diálogo com outro eu que não se acovarde.

Às vezes me pronuncio, para além de informar sobre a minha necessidade urgente de chamada, pois tenho também que sair mais cedo, e vejo que sedo cotidianamente dizendo que reivindico calar-me, que tenho o direito de ficar em silêncio!

Eu, covarde! Acuado no canto da sala, por detrás de outrem para que ninguém me veja, me note, estou prestes a sair de cena para que não me cobrem alguma participação, estou em pânico, pulsante, pull-sann-tee! Com medo, tenho que fazer alguma coisa... Sei lá o quê!

Minha maior reivindicação e ação é a de poder manter-me em silêncio, silêncio... si-lên-cio
... .. pronto.

Eu, covarde, não me faço, não me faço presente!... A não ser como já dito: “presente”! Ufa!...
passada a hora da chamada.

Já é o bastante: reivindico o silêncio. Silêncio de um covarde e reprimido; oprimido, que em sua contradição bem já sabemos hospeda o opressor!... Autoritário, detentor de suposta verdade absoluta, herdeiro de uma tradição que insiste em ser atemporal, deseja ser universal e rejeita reflexões históricas.

Assim sendo, um eu covarde pode se constituir: formar-se em covardia, graduar-se nessa ciência. Talvez especializar-se, ter poder, não ter pudor, arrotar saber, doutrinador!...Ser mestre, douto, pós- doutor...

E quando dono de um saber, com poder, a meta é sentir-se superior, semelhante ao outrora opressor!

Covarde desde criança, nada pensa em mudar, civilizou-se graças a si próprio; autossuficiente, pelo menos acredita!

Na crista da onda, se imagina jorrando conhecimento, sendo superior!

E o vício da covardia pelo medo se prolifera e pinça um caos que flerta com um tempo de fatalismo. Ideia imobilizante!

Embebido dessa lógica, nada pode acontecer para além do já prescrito, nada mudará!... Dirá que...

É problema do sistema! É, bando de covardes!

E assim debando, me retiro: eu, covarde? — Apenas quando a educação não liberta.